

Por epifanias no ensino? Confrontando a formação docente.¹

Queli Dornelles Morais²

Resumo

O texto analisa os impactos ao ensino produzidos ainda no pós-pandemia seguido da emergência climática instaurada no Rio Grande do Sul, elementos que revelaram de forma definitiva o quão imprescindível têm sido para a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul reestruturar-se, repensar seu currículo a fim de propor uma formação docente que possa dar conta dos mais diversos cenários impostos, bem como possibilitar ao professor reconhecer-se nestas situações adversas, buscando possibilidades de ressignificação da ação pedagógica ofertada aos acadêmicos, encontrando na universidade respaldo para novos olhares. O problema de pesquisa proposto se alicerçou na seguinte provocação: Como estruturar a docência enquanto ação educativa que promova um processo pedagógico intencional, metódico, que possibilite o repensar da teoria pedagógica a partir da realidade vivenciada? O objetivo geral consiste em verificar a partir do cenário educacional vivenciado por uma professora universitária, as indagações e dificuldades observadas no ensino superior que podem produzir barreiras à formação dos acadêmicos. Para a elaboração deste estudo foi utilizada a abordagem qualitativa, quanto aos objetivos caracteriza-se como descritiva, quanto aos procedimentos técnicos trata-se de um estudo de caso.

Palavras-Chave: Epifanias; Ensino; Diversidade; Emergência Climática.

1. Introdução

O anseio por epifanias no ensino revela a necessidade de uma professora em propor conhecimentos que possam adquirir significados social, histórico e cultural, que proponha algo transformador, libertador para além de uma percepção automática, atravessada por profissionais em constante processo de formação acadêmico-profissional.

Carrega o anseio por espaços e acervos estruturados aos fins a que se destinem que não os requeiem às mesmas espacialidades, temporalidades, mas lhes proponham diferentes leituras, itinerários formativos, a partir de um entendimento da docência enquanto ação educativa.

Tanto o pós-pandemia quanto a emergência climática, instaurada no Rio Grande do Sul, revelou de forma definitiva o quão imprescindível têm sido para a universidade reestruturar-se, fortalecer-se, questionar-se, repensar seu currículo a fim de propor uma formação docente que possa dar conta dos mais diversos cenários impostos, e o professor reconhecer-se nestas situações adversas, buscando possibilidades de ressignificação da

¹ Artigo apresentado no X Encontro Humanístico Multidisciplinar - EHM e IX Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares, na modalidade online, 2024.

² Mestre em Ensino; Universidade Estadual do Rio Grande do Sul- UERGS; Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil; queli-dorneles@uergs.edu.br.

ação pedagógica ofertada aos acadêmicos, encontrando na universidade respaldo para novos olhares.

Enquanto a realidade local não foi afetada, acadêmicos de outras unidades matriculados em uma das disciplinas EAD, via Meet, ainda sob efeito da emergência climática, buscavam retomar seus estudos, com acessos frágeis, psicológicos abalados e nenhum suporte financeiro ou pessoal, tendo em vista que alguns destes ainda se encontravam fora de suas casas, outros sem uma escola para voltar, enquanto discutíamos práxis pedagógicas relacionadas ao apoio educacional especializado. Neste momento a diversidade interroga a prática docente. Quais sentidos foram produzidos a partir da realidade vivenciada?

Esta percepção atravessa o vivido de uma professora universitária que se vê a deriva neste cenário quando a emergência nos diferentes momentos citados paralisa sua ação docente.

A diversidade mais uma vez questiona a formação oferecida a acadêmicos que se dividem em especificidades diferentes, realidades diferentes, uma vez que a carência de professores no quadro universitário, motivado por um verdadeiro desmanche promovido pelo Governo Estadual sobre a UERGS- Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, a coloca diante de acadêmicos de diferentes polos universitários simultaneamente, vivenciando cada um a seu ver, realidades totalmente adversas que não acolhem suas singularidades em ambos os cenários citados.

Apesar da oferta de acolhimento, do apoio na elaboração das propostas, do suporte para o acesso às tecnologias por parte da professora e acadêmicos, fica a sensação de mitigação dos danos, uma vez que os acadêmicos são de responsabilidade da Universidade como um todo. Para Skliar, 2003, p. 3:

Não temos nunca compreendido o outro. O temos sim massacrado, assimilado, ignorado, excluído e incluído e, por isso, para negar a nossa invenção do outro, preferimos hoje afirmar que estamos frente a frente com um novo sujeito. Mas é preciso dizer: com um novo sujeito da mesmice. Porque se multiplicam suas identidades, a partir de unidades já conhecidas; se repetem exageradamente os nomes já pronunciados; são autorizados, respeitados, aceitos e tolerados por apenas uns poucos fragmentos da sua alma.

A partir desta realidade, o problema de pesquisa proposto se alicerçou na seguinte provocação: Como estruturar a docência enquanto ação educativa que promova um processo pedagógico intencional, metódico, que possibilite o repensar da teoria pedagógica a partir da realidade vivenciada?

O objetivo geral consiste em verificar a partir do cenário educacional vivenciado por uma professora, as indagações e dificuldades observadas no ensino superior que podem produzir barreiras à formação dos acadêmicos.

Tem como objetivos específicos: questionar as condições de permanência dos acadêmicos que acessaram o ensino superior a partir do pós-pandemia; analisar o suporte financeiro, o acervo bibliográfico, o apoio emocional ofertado ao acadêmico e professores vitimados pela ansiedade climática produzida; verificar como estão estruturados os coletivos, o movimento estudantil existente nestes cenários; analisar a partir do currículo ofertado o quanto as ementas expressam a diversidade presente no espaço acadêmico

Para a elaboração deste estudo foi utilizada a abordagem qualitativa, quanto aos objetivos caracteriza-se como descritiva, quanto aos procedimentos técnicos trata-se de um estudo de caso.

2- Visão caleidoscópica da diversidade no ensino superior.

O caleidoscópio reflete as imagens ou efeitos visuais que o cérebro retrata em suas conexões para perceber as imagens produzidas. É possível modificar essa percepção a cada novo olhar, seja pela percepção do observador, seja pelo ponto em que essa luz ao ser projetada sobre esse prisma possa irradiar. Ensinar, muitas vezes resgata essa analogia.

Repensar as práticas educativas muitas vezes recém revisitadas e percebidas como pontuais para aquele grupo, no momento seguinte transporta o professor para esse caleidoscópio, para um fragmento deste prisma.

E aquilo que contemplava aquele grupo a partir do que se percebeu daquela realidade, traz uma série de pontas soltas que deixaram a parte “alguéns”, que embora previstos não foram compreendidos nas suas necessidades para aquele momento. Mas esse caminho é cotidiano. É caminho. E a tarefa é sempre essa; revisitá-los, sabê-los parte destas ações pedagógicas. É estarem iluminados, incluídos e até não tão bem compreendidos quando este “estar conosco”, os traz até nós por um curto espaço de tempo de forma optativa, entretanto, desvinculado do seu grupo de origem, das suas certezas, dos “seus”.

O ponto de onde essa professora do ensino superior observa é apenas um fragmento de um prisma, o fragmento que lhe cabe, a parte dela nesse caleidoscópio institucional. É fundamental manter o olhar atento ao que cabe a si e aos “seus” - esse

outro no ensino que busca a sua mediação de qualidade, que busca respostas aos seus anseios nesse percurso formativo até a professoralidade, às vezes lhe tira as forças.

Manter a esperança do outro no ensino se faz com bases sólidas, credibilizando o currículo em que os pressupostos trabalhados estariam embasados, garantindo conhecimento de ponta numa perspectiva praxista, inovadora, motivadora das certezas que trazem.

A mudança educativa nos olha, agora, com esse rosto que vai se descaracterizando de tanta maquiagem sobre maquiagem. Porque a mudança nos olha e, ao nos olhar, encontra somente uma reprodução infinita de leis, de textos, de currículos e de didáticas. Mas nenhuma palavra sobre as representações como olhares ao redor do outro. Nenhuma palavra sobre a necessidade de uma metamorfose nas nossas identidades. Nenhuma palavra sobre a vibração com o outro. (SKLIAR, 2003, p.39).

Epifanias no ensino pedem um olhar para o cenário vivenciado em que seja possível oferecer respostas estruturadas, reais, palpáveis que possam efetivamente fazer sentido às vivências de cada um dos acadêmicos.

Para tanto, a estrutura oferecida pela universidade precisa ser repensada. Muito se têm feito enquanto unidade universitária, seja na aquisição de materiais, livros para embasamento das propostas, seja na reestruturação dos espaços como biblioteca, salas de aula, dos ambientes quase que na totalidade, a partir de projetos realizados pelos professores da unidade em conjunto com seus alunos, mas ainda assim sozinhos, tomando para si a responsabilidade por tantas questões que superam a ação pedagógica.

Entretanto, estas ações nunca serão o bastante enquanto não houver um olhar institucional sobre as propostas realizadas, enquanto tensões governamentais colocam a universidade num verdadeiro caos solitário, esvaziado, descontinuado, sucateado.

A mudança deste cenário exige a percepção dos professores e acadêmicos enquanto resistência no espaço educacional, da compreensão enquanto sujeito de direitos que merecem a qualidade ao ensino tão alardeada em tempos de mudanças paradigmáticas.

O professor não pode continuar refém de práticas “aulistas”, parafraseando Arroyo (2013, p.36) diante de normas, ordenamentos, carga horárias extenuantes que os colocam distanciados até mesmo da pesquisa, elemento fundamental para o desenvolvimento da investigação e análise.

A partir da percepção e do fortalecimento dos coletivos já existentes no espaço educacional, mas que não se percebem enquanto coletivo em suas bases, as discussões, a dedicação à pesquisa e aos estudos relacionados a um olhar para a diversidade poderão ser o início de um movimento maior, reflexivo, respeitoso que poderá abrir espaço para reais epifanias até que a mudança deste fragmento no caleidoscópio educacional seja possível.

A mudança decorre da certeza de que o ato pedagógico deve ser um movimento sério, mas extremamente alegre, feliz pela realização das trocas resultantes. Os acadêmicos, os seus saberes, os não saberes, tornam cada encontro gratificante, um cenário de adultos que aprendem a partilhar, a se ajudar e inegavelmente a construir um bem querer.

...como posso respeitar a curiosidade do educando se, carente de humildade e da real compreensão do papel da ignorância na busca do saber, temo revelar o meu desconhecimento? Como ser educador, sobretudo numa perspectiva progressista, sem aprender, com maior ou menor esforço, a conviver com os diferentes? FREIRE, Paulo Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte? Não posso desgostar do que faço sob pena de não fazê-lo bem. Desrespeitado como gente no desprezo a que é relegada a prática pedagógica não tenho por que desamá-la e aos educandos. Não tenho por que exercê-la mal. A minha resposta à ofensa à educação é a luta política consciente, crítica e organizada contra os ofensores. Aceito até abandoná-la, cansado, à procura de melhores dias. O que não é possível é, ficando nela, aviltá-la com o desdém de mim mesmo e dos educandos. (FREIRE, 2002, p.27)

A diversidade, elemento que representa essencialmente a realidade educacional aqui mencionada, retrata pessoas que trazem consigo um querer possível: ser professor. Para além de uma discussão generalista sobre a diversidade, há a necessidade de estabelecer um olhar que se inicia no reconhecimento de ser diverso em situações e espaços de aquisição de conhecimento diferentes, nas razões que os trouxeram até essa universidade pública, gratuita.

Compreender o seu ser diverso, bem como sua inserção num espaço que não está pronto, acabado, mas em constante mutação, poderá ser o pano de fundo para a abordagem das questões sobre diversidade em contraponto com esse currículo que não diz muito de si, que não se define, que gera outras concepções, evitando assim uma polarização sobre o tema. Para Diniz -Pereira e Leão (2008. p.24)

Os relatos dos cursos têm consciência de que a questão radical com que se defrontam é como repensar e desconstruir esses padrões classificatórios. Será necessário, porém não será suficiente adequar ou flexibilizar currículos,

tempos, cargas horárias. Menos ainda reduzir exigências, rebaixar a qualidade, negar o direito ao conhecimento e à sólida formação. Os coletivos diversos vêm lutando pelo direito à educação básica e superior, mas propõe ao sistema e a academia o reconhecimento de seus saberes, suas racionalidades, suas formas de se saber, de pensar o real. O reconhecimento de suas culturas de seus valores e da sua memória. De suas histórias na história.

A pedagogia e a docência, a partir das tensões vivenciadas, têm revelado a necessidade de redefinição dos contextos em que o público da diversidade está presente. Ser presente compreende ser parte dos processos decisórios, do movimento estudantil ou da criação deste, dos projetos de pesquisa, dos programas institucionais que a universidade recebe e de tantos outros espaços já criados ou passíveis de se pensar a abertura, a proposição.

De posse destas vivências, o acadêmico poderá a partir dos sentidos propostos pela unidade em que está inserido, reconhecer-se neste cenário, rompendo com a unicidade de ser educando ou de só aprender. Para Cox (1994, p.45), a diversidade seria a representação de pessoas que coletivamente compartilham certas normas, valores ou tradições, assumindo diferentes identidades grupais em um sistema social de influência.

3- Conceituando o “Outro” do ensino na produção de sentidos para a formação docente.

O “outro” contextualizado neste estudo, traz diferentes pertencas, sejam grupais, seja a partir de relações produzidas em diferentes cenários, no mundo do trabalho, na universidade. Esse “outro” que é trabalhador braçal, que é pai, mãe, filho(a), esposa(o) com as mais diferentes identidades culturais, raciais, políticas, religiosas traz este conceito de diversidade cultural que compreende pessoas com personalidades diferentes, pensamentos diferentes. Pessoas que fazem parte da formação deste prisma institucional. Vasconcelos (2020) utilizando-se das considerações de Arante evidencia que:

[...] diversidade cultural que se desenvolve em processos históricos variados é o lugar privilegiado da cultura, uma vez que, sendo em grande medida arbitrária e convencional, ela constituiu em vários núcleos de identidade dos vários grupos humanos, ao mesmo tempo que os diferencia uns dos outros. Pertencer a um grupo social significa compartilhar um modo particular de comportar-se em relação aos outros e a natureza (ARANTE, 1998, p.16; apud VASCONCELOS, 2020 p. 300).

Tendo em vista a diversidade presente na universidade, sua ação compreende a pluralidade, acolhendo a todas as pessoas, contando com profissionais capacitados, currículos estruturados para um ensino que possa refletir suas vozes, sua cultura.

A ação educativa voltada para um público tão diverso encurrála docentes nas formas de como responder as indagações e dificuldades impostas por um ensino que diante de momentos caóticos, como a epidemia motivada pelo COVID-19, pela emergência climática vivenciada recentemente pelo Rio Grande do Sul, não tem promovido esperanças ou caminhos possíveis a um percurso formativo que possa dar conta de um ensino que sobreviva a tais eventualidades, que uma após outra vem revelando mais e mais fragilidades num ensino nômade, com péssimos ou nenhum financiamento e que já se transportou para a sala de suas casas, ginásios, moradias itinerantes.

Neste contexto a ideia da diferença na diversidade surge enquanto característica do ser humano que necessita ser tratada e trabalhada, compreendida através da aprendizagem sem, no entanto, anulá-la. De acordo com Maia, Caldeira e Tosta (2008, p. 19) “o problema da diferença não é devido a sua existência, mas ao que ela acarreta, e o posicionamento que tomamos diante dela”. Semear esperança diante de realidades tão extenuantes nos coloca a refletir sobre o que dizer, propor, ensinar crianças que perderam tudo, que sentidos trazem as propostas mediadas? Como estimular o pensamento acadêmico que revele possibilidades, esperanças reais a partir do vivido?

4- A ansiedade climática e a produção de saberes na diversidade.

O mundo não é mais o mesmo e a linguagem para entender esses fenômenos e suas consequências mudou juntamente com ele. A crise climática trouxe consigo problemas de ordem psicológica também denominados ansiedade climática ou depressão climática, conceitos que expressam a angústia em relação a falta de perspectiva para a vida, tornando-se um medo cotidiano no Brasil onde diversas cidades estiveram sob o risco de deslizamentos, enxurradas, enchentes.

Do desespero ao negacionismo, um conjunto de emoções negativas podem ser vivenciadas por indivíduos em contato direto e indireto com a presentificação das mudanças climáticas, apontando para uma dimensão de sofrimento ético-político da vivência cotidiana de habitar o desastre (KUANA, 2021, p.3).

Vítimas da ansiedade climática, aquele “outro” do ensino que precisou “continuar” sua vida acadêmica, teve sua identidade maculada, neste ínterim identidade e diferença, ambas enquanto dependentes sofreram alterações.

Incluir estas identidades assumidas no contexto universitário após o caos em que estiveram envolvidas, passa pelo reconhecimento destes sujeitos enquanto minorias que necessitam ser novamente incluídas, ou finalmente incluídas no novo cenário social

estabelecido, oferecendo-lhes acolhimento e espaço de fala, talvez o único ato político ao alcance desta professora.

A verdadeira compreensão dos sentidos atribuídos pela emergência climática, resultou na angústia em vivenciar, mesmo que distante do risco iminente, o medo projetado pelas águas, que não paravam de subir e tomar residências, prédios públicos, deixando rastros de destruição. A falta de responsabilidade colocou o Rio Grande do Sul à mercê do tempo, do clima, das suas próprias ações que sequestraram o presente de milhares de gaúchos, dificultando a percepção de possibilidades, de epifanias num ensino doente, que não parou para ser “auscultado”, mas que foi mandado seguir, continuar, ir em frente.

E assim, professores, acadêmicos têm seguido, sem reestruturação, sem discussão institucional sobre esse novo cenário (já velho, desde a pandemia) e suas implicações num currículo que só muda quando ameaçado em sua pontuação, quando reveladas suas fragilidades pelos órgãos avaliadores, fazendo-o adequado para “eles”, para os índices, mas insuficiente para aqueles que os apresenta, representa e convive com seus resultados.

Marsiglia (2012) afirma que na atualidade muito tem se falado sobre a diversidade, isto é, não apenas na convivência com o semelhante, mas também na convivência com quem é diferente de nós em diferentes aspectos. Assim como os preconceitos são construídos socialmente, também o é a desigualdade. Pondera a autora que quando tentamos igualar diferenças culturais, necessidades especiais, etnias às diferenças produzidas pela exploração do homem pelo homem, naturalizamos a situação de classes e produzimos a desigualdade. (p.112).

Mudanças institucionais precisam ser também precedidas por um olhar de um governo do Estado que se importe com os seus, que cuide de uma instituição pensada, gestada para o povo gaúcho. Para que se possa ver as mudanças necessárias há que se pensar uma união de todos os esses fragmentos institucionais.

Hoje a partir de uma mudança ocorrida no cenário interno da Universidade talvez possamos repensar, a partir da formação efetiva de coletivos diversos na nova gestão, novos rumos que poderão gerar a tensão governamental necessária para esse fim.

A partir da compreensão, da escuta da diversidade cultural, social e étnica, da promoção de equidade e a valorização dos professores mediadores deste ensino, os processos de formação acadêmico-profissional tendem a mostrar novos caminhos. As políticas de acesso e permanência precisam ser repensadas, o que reflete na difusão de

conhecimentos e informações que poderão contribuir para a inclusão de qualidade no contexto da universidade.

4- Considerações finais

Esta reflexão propôs repensar práticas educativas mediadas por uma professora que atua na área da inclusão e diversidade que percebe ao longo do trabalho realizado com acadêmicos do curso de Pedagogia o quanto a diversidade interroga a formação docente.

Revela a importância no ensino do respeito as composições de turmas, ao número de acadêmicos inscritos, bem como a proposição individual de créditos em EAD que percebe a realidade de cada unidade, que valorize a importância para a formação docente das disciplinas que abordam a diversidade e inclusão, seja na carga horária ofertada, seja na valorização da presencialidade na discussão destes temas.

As indagações e dificuldades observadas no ensino superior que vem produzindo barreiras ao ensino dos acadêmicos passa pela compreensão dos sentidos produzidos por um ensino imerso no caos, que ao mesmo tempo que paralisa, desmotiva o professor, faz com que tudo e todos ao redor sejam revisitados.

Ao questionar quais sentidos foram produzidos a partir da realidade vivenciada considero a escuta dos acadêmicos como aspecto principal para a produção de saberes, fazeres, contextualizados com a realidade dos presentes.

Pensar a reestruturação da Universidade poderá tornar-se real a partir da reflexão coletiva, bem como das discussões que possam ocorrer a cada disciplina do PPC durante a apresentação das ementas. Esta perspectiva poderá permitir que discussões aprofundadas sobre temas específicos, contextualizados com a realidade, com as barreiras vivenciados pelos acadêmicos sejam quebradas.

Os efeitos da crise climática no ensino precisam ser amplamente discutidos, pesquisados a fim de encontrar coletivamente caminhos possíveis para auxiliar acadêmicos, alunos e comunidade em geral, a partir do ensino enquanto resposta aos efeitos produzidos.

Referências

ARROYO, M. G. Currículo, território em disputa. Petrópolis: vozes, 2011.p.36 (Capítulo de Livro)

COX, Taylor H.; BLAKE, Stacy. Managing cultural diversity: Implications for organizational competitiveness. *Academy of Management Perspectives*, v. 5, n. 3, p. 45-56, 1991

DINIZ-PEREIRA, J. E.; LEÃO, G. (org.). Quando a diversidade interroga a formação docente. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p.24. (Capítulo de Livro)

FREIRE, Paulo *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura). Disponível em: [Pedagogia da Autonomia - livro completo.pdf \(usp.br\)](#). Acesso em: 08/10/2024

KUANA, Rubens Akira. Tristes psicotrópicos: Colapso climático, colapso mental. *Cadernos PET Filosofia*, [s. l.], v. 19, p. 91–131, 2021.

MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão e BATISTA, Eraldo Leme (Orgs.). *Pedagogia Histórico Crítica: desafios e perspectivas para uma educação transformadora*. Campinas-SP: Autores Associados, 2012.

PABIS, Nelsi Antonia; MARTINS, Mario de Souza. *Educação e diversidade cultural*. Paraná: Unicentro, 2014.

POLETTI, Giorgio (Orgs.). *Educação, Cultural e Diversidade. Estudos comparativos e perspectivas* 1 ed. Curitiba: Brazil Publishng, 2020 p. 298 – 300.

SKLIAR, C. A educação e a pergunta pelos outros: diferença, alteridade, diversidade e o outros “outros”. *Ponto de vista*, Florianópolis, n.05, p. 37-49. 2003.

VASCONCELOS, Maria Luiza Gomes. *Diversidade: Cultura popular, Literatura oral e memória: cultura popular: uma breve introdução*. In: TIBALLI, Elianda Figueiredo Arantes;

¿Para epifanias em la docencia? Comparando la formación docente

Resumen

El texto analiza los impactos en la enseñanza producidos incluso después de la pandemia seguida de la emergencia climática establecida en Rio Grande do Sul, elementos que revelaron definitivamente cuán esencial ha sido para la Universidad Estatal de Rio Grande do Sul reestructurarse, repensar su currículo en con el fin de proponer una formación docente que pueda afrontar los más diversos escenarios impuestos, además de capacitar a los docentes para reconocerse en esas situaciones adversas, buscando posibilidades de resignificación de la acción pedagógica ofrecida a los académicos, encontrando apoyo en la universidad para nuevas perspectivas. El problema de investigación propuesto se basó en la siguiente provocación: ¿Cómo estructurar la enseñanza como una acción educativa que promueva un proceso pedagógico intencional, metódico, que posibilite repensar la teoría pedagógica a partir de la realidad vivida? El objetivo general es verificar, a partir del escenario educativo vivido por un docente universitario, los interrogantes y dificultades observadas en la educación superior que pueden producir barreras a la formación de académicos. Para la elaboración de este estudio se utilizó un enfoque cualitativo; en cuanto a objetivos, se caracteriza por ser descriptivo, y en cuanto a procedimientos técnicos, es un estudio de caso.

Palabras clave: Epifanías; Enseñanza; Diversidad; Emergencia climática.

For epiphanies in teaching? Comparing teacher training

Abstract

The text analyzes the impacts on teaching produced even after the pandemic followed by the climate emergency established in Rio Grande do Sul, elements that definitively revealed how essential it has been

for the State University of Rio Grande do Sul to restructure itself, rethink its curriculum in order to propose teacher training that can handle the most diverse scenarios imposed, as well as enabling teachers to recognize themselves in these adverse situations, seeking possibilities for re-signifying the pedagogical action offered to academics, finding support at the university for new perspectives. The proposed research problem was based on the following provocation: How to structure teaching as an educational action that promotes an intentional, methodical pedagogical process, which enables the rethinking of pedagogical theory based on the reality experienced? The general objective is to verify, from the educational scenario experienced by a university professor, the questions and difficulties observed in higher education that can produce barriers to the training of academics. To prepare this study, a qualitative approach was used; in terms of objectives, it is characterized as descriptive, and in terms of technical procedures, it is a case study.

Keywords: Epiphanies; Teaching; Diversity; Climate Emergency.